

---

# SERRA·PILAR

---

28 de junho de 2015 | ano 41 | Tempo Comum, 13º Domingo | 1917



## A Carta Magna da ecologia integral: grito da Terra-grito dos pobres

Uma análise da encíclica do Papa Francisco

Antes de qualquer outro comentário, vale a pena pôr em relevo algumas das singularidades da encíclica **LAUDATO SÍ** do papa Francisco.

É a primeira vez que um papa aborda o tema da ecologia, no sentido de uma ecologia integral (que vai, portanto, além do aspeto ambiental) de forma tão completa. Grande surpresa: desenvolve o tema dentro do novo paradigma ecológico, coisa que nenhum documento oficial da ONU fez, até hoje. Trata-se de um discurso fundamental, que recorre aos dados mais seguros das ciências da vida e da Terra. O papa faz uma leitura afetiva dos dados (com a inteligência sensível ou cordial), pois discerne que, por detrás deles, se escondem dramas humanos e muito sofrimento, também, por parte da mãe Terra. A situação atual é grave, mas o papa Francisco encontra, sempre, razões para apelar à esperança e à confiança de que o ser humano pode, sempre, descobrir soluções viáveis. Honra os papas que o antecederam, João Paulo II e Bento XVI, citando-os com frequência. E há algo absolutamente novo: o seu texto inscreve-se dentro da colegialidade, pois valoriza as contribuições de dezenas de conferências episcopais do mundo inteiro: USA, Alemanha, Brasil, Patagonia-Camauhe e até do Paraguai. Acolhe as contribuições de outros pensadores como os católicos Pierre Teilhard de Chardin, Romano Guardini, Dante Alighieri, do seu mestre argentino Juan Carlos Scannone, do protestante, Paul Ricoeur e do muçulmano sufi Ali Al-Khawwas. Por fim, os destinatários são todos os seres humanos, pois todos são habitantes da mesma casa comum (palavra muito usada pelo papa), e sofrem as mesmas ameaças.

Ler na íntegra, em português, a encíclica do Papa Francisco:

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

**O** PAPA FRANCISCO não escreve na qualidade de Mestre e Doutor da fé, mas

como um Pastor zeloso, que cuida da casa comum e de todos os seres - e não só dos humanos - que habitam o planeta.

Há um elemento que merece ser evidenciado, pois revela a "forma mentis" (a maneira de organizar o pensamento) do Papa Francisco. Ele é tributário da experiência pastoral e teológica das igrejas latino-americanas que, à luz dos documentos do episcopado latino-americano (CELAM) de Medellín (1968), de Puebla(1979) e de Aparecida (2007), fizeram uma opção pelos pobres, contra a pobreza e a favor da libertação.

O texto e o tom da encíclica são típicos do papa Francisco e da cultura ecológica que acumulou. Mas caio na conta de que, também, muitas expressões e modos de falar, nos remetem para o que vem sendo pensado e escrito, principalmente, na América Latina. Os temas da "casa comum", da "mãe Terra", do "grito da Terra e do grito dos pobres", do "cuidado", da "interdependência entre todos os seres, "do valor intrínseco

de cada ser”, dos “pobres e vulneráveis”, da “mudança de paradigma”, do “ser humano como Terra” que sente, pensa, ama e venera, da “ecologia integral”, entre outros, são recorrentes entre nós.

A estrutura da encíclica obedece ao ritual metodológico usado pelas nossas igrejas, e pela reflexão teológica ligada à prática da libertação, agora assumida e consagrada pelo papa: **ver, julgar, agir e celebrar**.

Começa por revelar a sua principal fonte de inspiração: São Francisco de Assis, a quem chama “exemplo por excelência de cuidado e de uma ecologia integral, e que mostrou uma atenção especial pelos pobres e abandonados” (n. 10; 66).

Inicia, depois, a abordagem à dimensão do ver: “*O que está a acontecer à nossa casa*” (nn. 17-61). Afirma o papa: “basta olhar para a realidade com sinceridade, para ver que há uma deterioração da nossa casa comum” (n. 61). Nesta parte, o papa incorpora os dados mais consistentes, no que respeita às mudanças climáticas (nn. 20-22), à questão da água (n. 27-31), à erosão da biodiversidade (nn. 32-42), à deterioração da qualidade da vida humana, e à degradação da vida social (nn. 43-47), denuncia a alta taxa de iniquidade planetária, que afeta todos os âmbitos da vida (nn. 48-52), fazendo dos pobres as principais vítimas (n. 48).

E aqui surge uma frase que nos remete para a reflexão levada a cabo na América Latina: “Hoje, não podemos ignorar que uma verdadeira abordagem ecológica acaba, sempre, por se transformar numa abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente, a fim de escutar tanto o *grito da Terra, como o grito dos pobres*” (n. 49). Logo a seguir acrescenta: “os gemidos da irmã Terra juntam-se aos gemidos dos abandonados deste mundo” (n. 53). Isto é absolutamente coerente, pois, logo no início, o papa afirma que “nós somos Terra” (n. 2; cf. *Génesis* n 2,7), bem na linha do grande cantor e poeta indígena argentino Athaulpa Yupanqui: “o ser humano é Terra que caminha, que sente, que pensa e que ama”.

Francisco condena a proposta de internacionalização da Amazônia, que “apenas serviria os interesses das multinacionais” (n. 38). E faz uma afirmação de grande vigor ético: “constitui gravíssima iniquidade obter importantes benefícios, fazendo com que a restante humanidade, presente e futura, pague os altíssimos custos decorrentes da degradação ambiental” (n. 36).

Em seguida, reconhece com tristeza: “nunca ofendemos tanto a nossa casa comum como nos últimos dois séculos” (n. 53). Face a esta ofensiva humana contra a mãe Terra, que muitos cientistas denunciaram como a inauguração de uma nova era geológica – o **antropoceno** – lamenta a debilidade dos poderes deste mundo que, iludidos, “pensam que tudo pode continuar como está”, como alibi para “manter os seus hábitos autodestrutivos” (n. 59), revelando “um comportamento que parece suicida” (n. 55).

Prudente, reconhece a diversidade das opiniões (nn. 60-61), e que “não há apenas uma única via de solução” (n. 60). Mesmo assim, “é bem verdade que o sistema mundial está a tornar-se insustentável, sob vários pontos de vista, por termos deixado de pensar os fins do agir humano” (n. 61) e por nos perdemos na construção de meios destinados à acumulação ilimitada, à custa da injustiça ecológica (degradação dos ecossistemas), e da injustiça social (empobrecimento das populações). A humanidade, simplesmente, “defraudou a esperança divina” (n. 61).

O desafio urgente consiste, portanto, em “proteger a nossa casa comum” (n. 13); e para isso precisamos, citando o Papa João Paulo II: “de uma conversão ecológica global” (n. 5); “uma cultura do cuidado, que impregne toda a sociedade” (n. 231).



Analisada a dimensão do **ver**, impõe-se, agora, uma abordagem à dimensão do **judgar**. Esse julgar é realizado em duas vertentes, uma científica e outra teológica.

Vejamus primeiro a **científica**. A encíclica dedica todo o terceiro capítulo à análise “da raiz humana da crise ecológica” (nn. 101-136). Aqui, o papa propõe-se analisar a tecnociência, sem preconceitos, acolhendo tudo o que ela trouxe de “coisas preciosas, para a melhoria da qualidade de vida do ser humano” (n. 103). Mas, não é este o problema. O problema está no facto de ela se ter tornado independente, ter submetido a economia, a política e a natureza, com vista à acumulação de bens materiais (cf. n. 109). Ela parte de um pressuposto equivocado, que é a “disponibilidade infinita dos bens do planeta” (n. 106), quando nós sabemos que já atingimos os limites físicos da Terra, e que grande parte dos bens e serviços não são renováveis. A tecnociência tornou-se *tecnocracia*, uma verdadeira ditadura, com a sua lógica férrea de domínio sobre tudo e sobre todos (n. 108).

A grande ilusão, dominante hoje em dia, reside na crença de que, com a tecnociência, se podem resolver todos os problemas ecológicos. Trata-se duma tentativa enganadora, porque “implica isolar as coisas que estão, sempre, ligadas entre si” (n. 111). Na verdade, “tudo se relaciona com tudo” (n. 117) “tudo está em relação” (n. 120). Eis uma afirmação que perpassa todo o texto da encíclica como um ritornelo, pois é um conceito-chave do novo paradigma contemporâneo. O grande limite da tecnocracia está no facto de ela “fragmentar os saberes e perder o sentido de totalidade (n. 110)”. O seu pior mal é “não reconhecer o valor intrínseco de cada ser e, até, negar ao ser humano o seu valor peculiar” (n. 118).

O valor intrínseco de cada ser, por minúsculo que seja, é, permanentemente, posto em relevo pela encíclica (n. 69), como o faz a **Carta da Terra**. Ao negar esse valor intrínseco, estamos a impedir que “cada ser comunique a sua mensagem e dê glória a Deus” (n. 33).

O desvio maior produzido pela tecnocracia é o antropocentrismo moderno. O seu pressuposto ilusório consiste na defesa de que as coisas, apenas, possuem valor, na medida em que se destinam ao uso do homem, esquecendo que a sua existência vale por si mesmo (n. 33). Se é verdade que tudo está em relação, então, “nós, seres humanos, estamos unidos como irmãos e irmãs, e unimo-nos, com ternão afeto, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe Terra” (n. 92). Como podemos pretender dominá-los e vê-los na ótica estreita da dominação por parte do ser humano?

Todas estas “virtudes ecológicas” (n. 88) se perdem, em consequência da vontade de poder como dominação dos outros e da natureza. Vivemos uma angustiante “perda do sentido da vida e da vontade de vivermos juntos” (n. 110). O papa cita algumas vezes o teólogo italo-alemão Romano Guardini (1885-1968), um dos mais lidos nos meados do século passado, e que escreveu um livro crítico contra as pretensões da modernidade (n. 83: *Das Ende der Neuzeit*, 1959)

A outra vertente do julgar é de cunho teológico. A encíclica reserva um bom espaço ao “Evangelho da Criação” (nn. 62-100). Começa por justificar a contribuição das religiões e do cristianismo, pois sendo a crise global, cada instância deve, com o seu capital religioso, contribuir para o cuidado da Terra (n. 62). Não insiste nas doutrinas,

mas na sabedoria presente nos vários caminhos espirituais. O cristianismo prefere falar de criação, ao invés de natureza, pois “criação tem a ver com um projeto de amor de Deus” (n. 76). Cita, mais de uma vez, um belo texto do livro da Sabedoria (21, 24) que mostra, claramente, que “a criação é da ordem do amor” (n. 77) e que Deus emerge como “o Senhor amante da vida” (*Sabedoria* 11, 26).

O texto abre-se para uma visão evolucionista do universo, sem usar a palavra, mas fazendo um circunlóquio, referindo-se ao universo “composto por sistemas abertos, que entram em comunhão uns com os outros” (n. 79). Utiliza os principais textos que ligam Cristo encarnado e ressuscitado com o mundo e com todo o universo, tornando sagrada a matéria e toda a Terra (n. 83). É neste contexto que cita Pe. Teilhard de Chardin (1881-1955, n. 83 nota 53) como precursor desta visão cósmica.

O facto de o Deus-Trindade ser uma relação de divinas Pessoas, tem como consequência que todas as coisas em relação sejam ressonâncias da Trindade divina (n. 240).

Citando o Patriarca Ecuménico Bartolomeu, da Igreja ortodoxa, “reconhece que os pecados contra a criação são pecados contra Deus” (n. 7). Daí a urgência de uma conversão ecológica coletiva que refaça a harmonia perdida.

A encíclica conclui, acertadamente, esta parte: “a análise mostrou a necessidade de uma mudança de rumo... devemos sair da espiral de autodestruição em que nos estamos a afundar” (n. 163). Não se trata de uma reforma, mas, citando a **Carta da Terra**, de buscar “um novo começo” (n. 207). A interdependência de todos com todos, leva-nos a pensar “num só mundo com um projeto comum” (n. 164).

Já que a realidade apresenta múltiplos aspetos, todos intimamente relacionados, o papa Francisco propõe uma “*ecologia integral*”, que vá além da costumeira ecologia ambiental (n. 137). Ela abrange todos os campos, o ambiental, o económico, o social, o cultural, o espiritual e, também, a vida quotidiana nn. 147-148). Nunca esquece os pobres que testemunham, também, o seu caráter de ecologia humana e social, vivenciando laços de pertença e de solidariedade de uns para com os outros (n. 149).

O terceiro passo metodológico é o **agir**. Nesta parte, a encíclica aborda os grandes temas da política internacional, nacional e local (nn. 164-181). Sublinha a interdependência do social e do educacional com o ecológico, e constata, lamentavelmente, os constrangimentos que o predomínio da tecnocracia traz, dificultando mudanças que travem a voracidade da acumulação e do consumo, e que possam inaugurar algo de novo (n. 141). Retoma o tema da economia e da política, que devem servir ao bem comum, e criar as condições de uma plenitude humana possível (nn. 189-198). Volta a insistir no diálogo entre a ciência e a religião, como vem sendo sugerido pelo grande biólogo Edward O. Wilson (cf. o livro “*A criação: como salvar a vida na Terra*”, 2008). Todas as religiões “devem buscar o cuidado da natureza e a defesa dos pobres” (n. 201)

Ainda no aspeto do agir, desafia os responsáveis pela educação a criarem a “cidadania ecológica” (n. 211) e um novo estilo de vida, assente no cuidado, na compaixão, na sobriedade partilhada, na aliança entre a humanidade e o ambiente, pois ambos estão, umbilicalmente, ligados, e na corresponsabilidade por tudo o que existe e vive, e pelo nosso destino comum (nn. 203-208).

Por fim, vem o momento do *celebrar*. A celebração ocorre num contexto de “conversão ecológica” (n. 216) que implica uma “espiritualidade ecológica” (n. 216). Esta deriva, não tanto, das doutrinas teológicas, mas das motivações que a fé suscita, e que nos levam a cuidar da casa comum, e a “alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo” (216). Tal vivência é, antes de mais, uma mística que mobiliza as pessoas e as entusiasma a viverem o equilíbrio ecológico, “equilíbrio interior consigo mesmo,



belas passagens poéticas, articulando a ecologia do meio ambiente e a ecologia humana, um marco histórico para o futuro do planeta, que se impõe debater e meditar. Não é por acaso que aparece nesta data, antes da viagem aos Estados Unidos e no contexto da preparação de um novo tratado sobre o clima numa conferência das Nações Unidas, em Dezembro próximo, em Paris. Por isso, já começaram as críticas por parte, nomeadamente, de grandes poderes relacionados com a energia e a banca. O líder republicano Jeb Bush, possível candidato à presidência dos Estados Unidos, por exemplo, que se converteu ao catolicismo há 25 anos, arremeteu contra Francisco: "Não deixarei que os meus bispos, os meus cardeais ou o meu Papa me ditem a política económica"; a religião deveria ocupar-se mais de "tornar as pessoas melhores e menos de questões que têm que ver com aspectos políticos". Francisco, porém, pensa ser seu dever dirigir-se a crentes e a não crentes, "a cada pessoa que habita este planeta", para a defesa da "casa comum" ameaçada, tanto mais quanto as alterações climáticas afectam sobretudo os mais vulneráveis, estão em causa a paz e as gerações futuras, e o Deus criador entregou a Terra ao cuidado responsável de todos.

A própria encíclica descreve os seus eixos: **"A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que no mundo tudo está ligado"** - é uma afirmação constante: tudo em conexão e interdependência -, **"a crítica ao paradigma da tecnocracia e às formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outros modos de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida."**

Poucos se lembram de que a formação de base de Francisco é a Química, sabendo, portanto, o que significa a ciência, e consultou vários cientistas de renome. Assim, escreve: **"Há um consenso científico muito consistente que indica que nos encontramos perante um preocupante aquecimento do sistema climático. Se a actual tendência continuar, este século poderia ser testemunha de alterações climáticas inauditas e de uma destruição sem precedentes dos ecossistemas, com graves consequências para todos."** Aliás, com a produção de centenas de milhões de toneladas de resíduos por ano, muitos deles não biodegradáveis, **"a Terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo"**, adverte.

O clima é um bem comum e a alteração climática **"é um problema global com graves dimensões ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, e coloca um dos principais desafios actuais para a humanidade"**, cujas consequências **"recairão nas próximas décadas sobre os países em desenvolvimento"**, com tragédias sem fim a que já estamos a assistir, **"lamentavelmente, com uma indiferença geral"**. O texto sublinha o drama da água e da pobreza e denuncia: **"Não se**

costuma ter consciência clara dos problemas que afectam particularmente os excluídos, mas eles são milhares de milhões de pessoas." E adverte: somos "uma só família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que nos permitam isolar-nos e, por isso, também não há espaço para a globalização da indiferença". Afinal, habitamos a mesma casa.

É mentira "a disponibilidade infinita dos bens do planeta", impondo-se, portanto, avançar com "uma valente revolução cultural", para uma "ecologia integral": "O gemido da irmã Terra une-se ao gemido dos abandonados do mundo, com um clamor que nos obriga a outro rumo." Precisamos de um novo estilo de vida, de consumo e produção e de outra política: "A salvação dos bancos a todo o custo, fazendo o povo pagar o preço, sem a decisão firme de rever e reformar o sistema todo, reafirma um domínio absoluto das finanças que não tem futuro e que só pode gerar novas crises depois de uma longa, penosa e aparente cura."

"Faz falta voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que somos responsáveis pelos outros e pelo mundo, que vale a pena sermos bons e honestos. Já tivemos tempo demasiado de degradação moral, escarnecendo da ética, da bondade, da fé, da honestidade, e chegou a hora de tomar consciência de que essa alegre superficialidade nos serviu de pouco."

por **ANSELMO BORGES**. Professor de Filosofia

*Diário de Notícias*, 20 junho 2015